

“Efeito-centro” ajuda indeciso a se definir

Milhões de indecisos decidem hoje a eleição de amanhã. Num paciente jogo de eliminação, solitários ou se aconselhando com amigos, esses indefinidos cruzam dados de dois ou três candidatos para chegar à escolha decisiva. Tão decisiva que irá, acima de qualquer pesquisa de última hora, determinar o segundo colocado — isto é, aquele que vai acompanhar o já vencedor Fernando Collor de Mello para o segundo turno final.

“Não me surpreende tal massa de indecisos”, observa Bolívar Lamounier, pesquisador de Ciência Política do Idesp (Instituto de Estudos Econômicos e Políticos de São Paulo). Ontem estimados em 30% do eleitorado — algo em torno de 25 milhões de votos — eles representam hoje, véspera do pleito, uma legião de 10 a 20 milhões. Dez por cento deles, na avaliação de Lamounier, estão nessa situação por ignorância. Aliás, falta de informação. A maioria esmagadora padece dividida por fenômeno oposto, o de excesso de dados. São 29 longos anos de jejum que produziram um caleidoscópio que varia a cada movimento ou dependendo do ponto de vista.

Voto útil? Essa reflexão está circunscrita ao eleitorado de posições moderadas, que detesta acirramento ideológico. Por definição, não se pensa em voto útil na esquerda pela singular razão de estarem três representantes seus tecnicamente empatados — Lula, Brizola e Covas. “Já o eleitor que busque uma posição menos radical que a de Lula ou Brizola, portanto adepto de Afif ou Maluf, ao verificar que o candidato não emplacou, vai cravar Covas”, explica a professora Sarah Chucid da Viá, que leciona Teoria de Opinião Pública na Escola de Comunicações e Artes da USP.

Efeito centro

Para Bolívar Lamounier, o candidato do PSDB é beneficiário do “efeito centro”. Em relação aos dois concorrentes do mesmo viés, defende uma atitude mais ponderada. “Se ganhar, irá se beneficiar de um arco muito amplo”, opina Bolívar Lamounier, imaginando graficamente concentração na média e dispersão nas extremidades. “Terá uma parte de centro-esquerda e outra parte de centro-direita”, supõe Lamounier. “Portanto, se for para o segundo turno com Collor, será um candidato fortíssimo.”

A professora Sarah, vice-diretora da ECA-USP e uma das poucas eleitoras que votou para presidente — escolheu Jânio Quadros, em 1959 —, confirma que Covas conquistou o voto da classe média. “Mas isso não é suficiente, pois a maioria dos votos vem das classes mais baixas.”

Ela cita um exemplo a olho nu: a quantidade de adesivos tucanos estampados nos carros que circulam pela cidade é avassaladora, em relação aos demais candidatos. Mas, porque a pesquisa não é uma experiência fechada de laboratório, talvez a arrancada de Covas esteja acontecendo tarde.

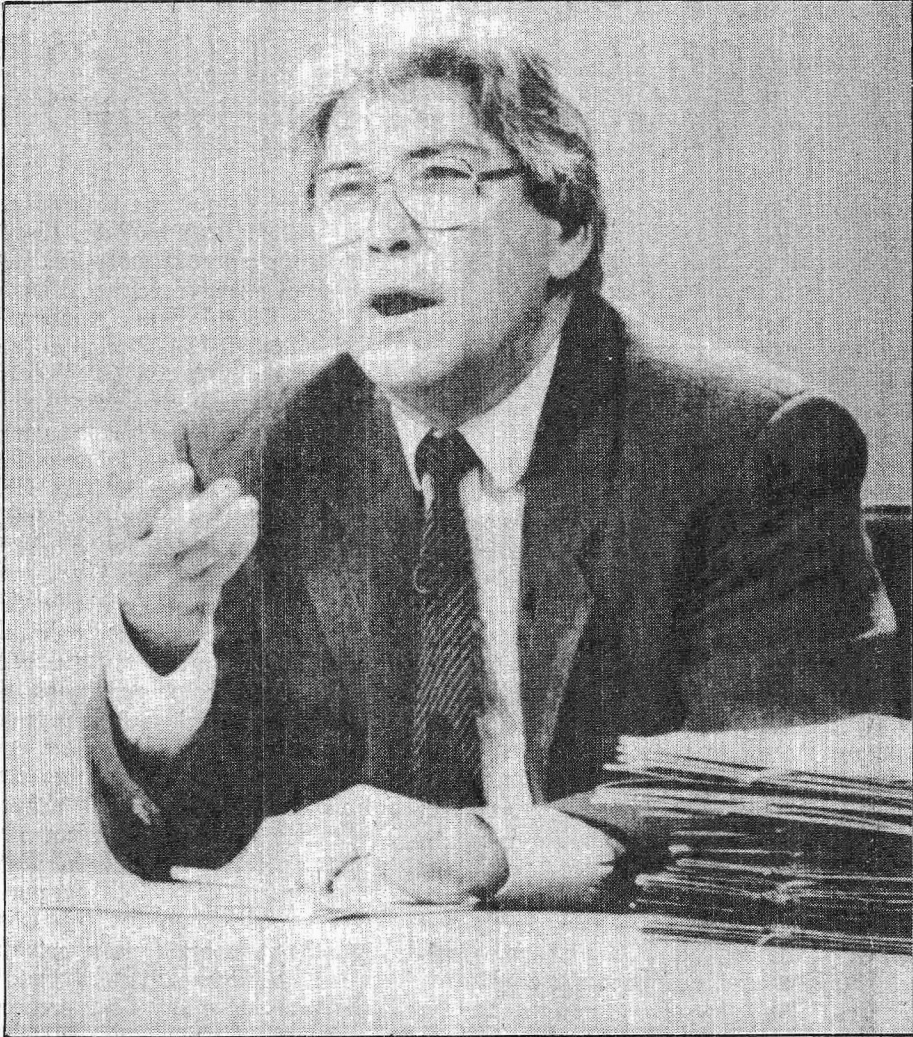
“Se a atropelada tivesse começado cinco dias antes, seria uma tendência irresistível”, afirma Lamounier. “Como se configurou de quinta-feira passada em diante, a candidatura Covas chegou à faixa do empate técnico. Significa que pode, ou não, ganhar o segundo lugar.”

Nessa avaliação, Covas leva vantagem sobre os adversários diretos. De Brizola, o pesquisador político Lamounier diz ser um candidato eleitoralmente estagnado, que começou e terminou a campanha no mesmo patamar, até porque seus adeptos estão concentrados em dois Estados —

Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Sobre Lula, ele enxerga instabilidade no desempenho nas pesquisas, com súbitas acelerações e quedas imediatas. O candidato petista não vai repetir o “efeito Erundina”, na avaliação de Lamounier, porque nas eleições municipais do ano passado o voto de protesto que elegeu a prefeita de São Paulo foi plantado à esquerda e à direita — todos repudiando o governo em várias instâncias, fosse Sarney, Quêrcia ou Jânio.

Crescimento de Covas

Mário Covas vem crescendo de forma sustentada e homogênea no País todo, especialmente nas cidades de grande porte, onde a



massa de indefinidos é estatisticamente alta, segundo apurou o Gallup. A ascensão não se limita a São Paulo e acontece na reta final — ao contrário de Afif Domingos, por exemplo, que subiu cedo

demais e não mostrou fôlego de sustentação. Bolívar Lamounier faz uma analogia com o futebol: “O Covas pode estar chegando ao máximo de condição física — no caso, eleitoral — justamente no

dia da grande decisão”.

E o raciocínio do segundo turno? Mais que a hipótese do voto útil, escolher um candidato que também vença a finalíssima se torna vital para o eleitor indeciso.



A professora Sarah Chucid da Viá (acima) reconhece a “onda Covas” neste final de campanha. E acha que o candidato tucano (à esq.) “é o único entre todos que aparece como uma garantia de equilíbrio para o indeciso”.

São duas etapas de um mesmo processo. A professora Sarah Chucid da Viá analisa:

— Se der Collor e Lula, ou Collor e Brizola, acho que o Collor ganha o segundo turno. Lula e

Brizola são muito identificáveis como homens de posições definidas, o que cria pontos de atrito na hora da escolha. O Collor, por sua vez, não se definiu nem de esquerda nem de direita, e chegou ao eleitor através de um discurso contestador. Quanto ao Covas, ele subiu porque seu índice de rejeição sempre foi pequeno. Covas é o único dos candidatos que aparece como uma garantia de equilíbrio.

Uma eleição inédita para a maioria dos 82 milhões de eleitores cadastrados pelo TSE e também inédita por suas alternativas. De cada lado do espectro ideológico se ofereceram diversos nomes. Mas dois pontos definem o singular conteúdo deste 15 de novembro:

1. a mensagem chegou igual a todos, pelo horário eleitoral

2. a estrutura partidária ficou literalmente de cabeça para baixo — penaram as agremiações hegemônicas como PMDB e PFL, e o insignificante PRN pontifica na liderança, à frente de partidos médios como PDT e PT, mais o novíssimo PSDB.

Boca de urna

“Agora, já se encerrou a capacidade de produção de fatos políticos pelos candidatos”, pondera Lamounier que também vota pela primeira vez para presidente. “A lei eleitoral é sábia: na véspera do voto, o eleitor tem que refletir, fazer o seu filtro definitivo.” E a boca de urna? Neste ponto, há divergências.

— Apesar de proibida, ela vai ser decisiva — observa a profª Sarah de Viá. Os menos instruídos serão um alvo fácil.

— Com a quantidade de informações que circula hoje no País — diverge Bolívar Lamounier — a pretensão de que o voto de alguém pode ser mudado na boca da urna é uma pretensão descabida. Além disso, essa coisa ficou muito antipática, é uma atitude agressiva.

Collor já ganhou o primeiro turno. Seu adversário, os milhões de indecisos escolhem nestes momentos — para lançar a sorte definitiva a partir de oito horas de amanhã.